

Obras de José Luandino Vieira

A Cidade e a Infância (contos)
A Vida Verdadeira de Domingos Xavier
(romance)
Luuanda (estórias)
Vidas Novas (contos)
Velhas Estórias (estórias)
No Antigamente, na Vida (estórias)
Nós, os do Makulusu (romance)
Macandumba (estórias)
João Vêncio: os Seus Amores (romance)
Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu
(estórias)
Nosso Musseque (romance)

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

A VIDA VERDADEIRA
DE DOMINGOS XAVIER

romance

SBD-FFLCH-USP



289883

CAMINHOS outras margens 18

autores estrangeiros de língua portuguesa

Com sua caligrafia redonda, bem legível, Xico continuou escrever no papel. No fim disse:

— 'brigado, padrinho. E você, miúdo Zito. Vocês *voltam no musseque*. Já sabe, padrinho: quando tem preso, você vê tudo e escusa mesmo vir: manda este menino. Sim senhor, Zito! Menino esperto, você precisa ir na escola. Não esquece: se sabe mais coisas desse irmão preso, avisa.

Sê levantaram os três. Xico Kafundanga pagou no balcão e pediu ao branco para lhe voltar troco em rebuçados. Miúdo Zito sorriu, satisfeito, enquanto a mão de mano Xico lhe acariciava a cabeça, sempre a repetir baixinho, para si mesmo:

— Menino esperto, menino esperto...

Xico deixou-os, padrinho e neto, no meio da rua banhada de sol. Duas e um quarto eram quase e tinha de correr, queria pedir para sair mais cedo.

Com velho Petelo pela mão, miúdo Zito, feliz, agarrando orgulhoso na mateba com suas quatro matonas e um roncador, caminha chupando os rebuçados oferecidos por sô Xico, seu amigo, esse sô Xico Kafundanga, jogador do Botafogo. E enquanto o preso, sua figura alta e magra, se instala no pensamento do avô, miúdo Zito pensa que vai deixar de fazer claque no Académico. Um clube que tem Xico, seu amigo, é que ele faz claque!

E nessa tarde, cinco horas, o contínuo Francisco João, da secção de contabilidade, pediu licença ao chefe e saiu da Companhia mais cedo, dirigindo-se para o largo dos Correios, onde apanhou o maxim-bombo da Samba.

Às seis e meia duma tarde, com o trabalho acabado há meia hora, Domingos atravessou o capim, a correr, para dar encontro na companheira e em miúdo Sebastião na esteira. Agora que engenheiro Silvestre o tinha posto no turno do dia, gostava vir ainda com o pôr do sol por cima dos montes, para brincar um bocadinho com o miúdo, antes de comer e descansar depois, na esteira, com o calor de Maria. O outro tractorista, do turno da noite, fizera-lhe atrasar ainda com umas perguntas sobre a assistência diária da máquina e outros pequenos problemas.

O acampamento ficava longe, fora do estaleiro, metido numa baixa, à esquerda da estrada, onde se alinhavam as cubatas iguais dos operários e trabalhadores negros da barragem. Um regato de água escura e porca corria pela sanzala, carregando consigo os detritos diários dos habitantes, e perdia-se, em baixo, num tufo de capim verde. Um pouco afastadas havia duas cubatas, sem telhado, improvisando sentinas com barris que à noite eram despe-

gados por dois moradores, em turnos. Ao sábado, o médico vinha nas corridas com seu carro ligeiro, passava uma rápida visita sanitária e saía depois. Lá em cima, no topo dos morros frescos, viviam, em camaratas de alumínio, os operários brancos, e mais longe, em casas com belos jardins à volta, de relva cuidada, os empregados superiores da empresa. Eram bem vinte minutos de caminho através do capim, que Domingos fazia, subindo das galerias, correndo na pequena cubata, na família que todos os dias o esperava.

Foi encontrar a companheira pondo quifunes em miúdo Bastião e ouvindo uma sua vizinha lamentar o filho. Custava a Domingos ouvir sá Zefa, também ele sentia muito o amigo Sousinha desaparecido, um dia, ninguém sabia como, ninguém sabia porquê. Desapareceu só, a carrinha azul da Administração não tinha-lhe vindo buscar, o seu corpo não apareceu a boiar rio abaixo. Marteleiro, como ia cair no rio? Trabalho só de galeria ou de pedreira, esse risco não corria. Era pesado o martelo pneumático trepidando o dia todo no peito fraco de Sousinha, miúdo, seco, mas sempre decidido.

Nos primeiros dias ainda procuraram, Zefa foi mesmo na vila, na Administração não sabiam, cipaios amigos confirmaram que não tinham lhe prendido, mas depois ninguém se lembrou mais do operário. Domingos Xavier, seu amigo, preocupado de início, foi descobrindo depois, pouco a pouco, a razão do desaparecimento. Ao pensar nisso sentia-se um pouco triste porque Sousinha podia-lhe ter avisado. Mas nada, ninguém sabia. Só o engenheiro Silvestre, encarregado-geral naquela parte da obra, não ficou espantado. Quando Domingos lhe falou no desaparecimento, levantou os olhos da planta

que estava consultar e depois, sorrindo, disse parecia sem importância:

— Não te preocupes. Não lhe sucedeu nada, de certeza...

A confiança com engenheiro Silvestre, agente técnico de máquinas, a quem todos no acampamento chamavam de sôr engenheiro, vinha de longe. Dos tempos em que, miúdo ainda, aprendendo só lubrificar e lavar os tractores na Companhia do Açúcar, ouvira uma conversa que lhe fizera andar por perto do agente técnico e procurar sempre serviço na empresa em que ele trabalhasse. Isso e mais, agora ali no estaleiro da barragem, as conversas que adivinhava entre Sousinha e Silvestre. O marteleiro nunca tinha-lhe dito nada e Domingos-Xavier, falando todos os dias com o amigo conversas que só em voz baixa o povo tem, mesmo nas sanzalas, nunca tivera coragem para perguntar saber. Por acaso, sucedeu um dia. Se lembra muito bem os casos: numa noite anterior, Timóteo, um rapaz magro, apontador da secção de electricidade, tinha sido agarrado no seu quartinho, ao lado do armazém, lendo papéis que tinham saído em Luanda e lhe deram encontro na mala com vários livros — Domingos e Sousinha não sabiam os nomes — que a polícia não gostava. Sô Simão, um velhote da oficina, muito em segredo, disse a Domingos o rapaz não estava sozinho quando o administrador viera-lhe prender. A outra pessoa, que estava com ele, tinha fugido na janelinha detrás. Passava da uma da manhã quando isso se dera, mas velho Simão, com sua insónia crónica trazida de S. Paulo, Brasil, estava na janela e vira o vulto fugir, mas não ligara, pensava era aventura de mulheres. Mais tarde, porém, o nome que segredou para Domingos, quando estava verificar a folga dos

rastos do tractor, mas sem dar certeza, foi para o tractorista não uma revelação, mas a confirmação das suas suspeitas. Porque, nesse dia, Sousinha tinha-lhe falado:

— Sabe, amigo Domingos?! Estou chateado. Esta conversa do Timóteo... Conhecias-lhe bem?

— Não. O rapaz vivia muito só, ninguém lhe falava, toda a gente, lá nas galerias, dizia era perigo-so, desses estudantes... Afinal, olha! Vieram-lhe buscar.

— Mas porquê, mano? Porquê se o rapaz não falava, se o rapaz não se metia, vivia sua vida de estudos só?

Domingos sorriu, mexeu o chão com um pauzinho, e depois confidenciou:

— Olha, mano! Hoje me disseram ele era um dos bons. Esse rapaz tinha cabeça. Livros, papéis, só mesmo em Luanda.

Sousinha abriu a boca, admirado, e viu a oportunidade. Cautelosamente, respondeu:

— Não acredito, mano. Não pode!

— Verdade mesmo. Quem disse, não mente.

— E quem te disse, então?

O riso do amigo fez-lhe compreender que assim não conseguia nada. Sorriu mais e só então começou ele a contar:

— Olha, mano! Ando pra te dizer uma coisa. Amigo não tem segredos. Por isso vou-te contar. Mas você jura não diz a ninguém.

— Juro! Palavra! Podes contar!

Chegou mais a pedra para junto dele, virando a voz num ligeiro sussurro a juntar nos outros ruídos da sanzala, e segredou:

— Eu sei você conheces bem Silvestre. Esse engenheiro te dá muita confiança, eu te posso contar.

Onde ele vai, eu vou também. Onde ele vai, arranja sempre lugar para mim. Ele diz eu sou bom tractorista. Cheguei nesta hora, me puseram logo no turno da noite. Um mês o turno não andou para mim, os brancos só que faziam turno de dia, eu e o Carlitos, nada! Refilei com o capataz, ele quis já cortar meio dia. De maneiras que fui falar no engenheiro...

Sousinha, todo inclinado em cima do amigo, atento nas palavras que o tractorista falava, claras e directas, vai abanando só sua cabeça, aprova. Domingos Xavier se orgulha dessa amizade, diz porquê:

— Você ouve, mano! Não é daqueles brancos que te faz bem para você gostar dele, para ficar satisfeito porque o coração dele manda. Não! Esses eu conheço bem, mano Sousa! Esses conheço eu bem... Se você um dia não cumprimenta de tirar o chapéu, dizem logo que tu és um ingrato, todos os negros são assim, acabam te mandando no Posto. Este não, amigo Sousa! Este quem manda é a cabeça dele...

— Desculpa! Coração dele também. Se você visse hoje de manhã, quando lhe falaram os casos do Timóteo! Ená! Ficou mesmo branco, branco parecia era a parede. Não é só na cabeça, não!

O tractorista fez um gesto vago, queria reforçar o que dissera, se exprimir de outra maneira, mas só disse:

— Eu sei mesmo. Não é isso... Mas você compreendeu, não é? Não é como os outros, não. Lhe conheci foi no Bom-Jesus. Aí eu estava só aprendiz de tractorista.

Na voz calma de Domingos Xavier o engenheiro nasce na sua figura pequena e nervosa, os óculos de

grossas lentes, os habituais calções, sua voz rápida e sorridente.

— Não descontava mesmo sem ouvir no capataz e no prejudicado. Parecia até tribunal! Poça, tanta vez que o capataz tinha que riscar!...

O tractorista se esforça com os pormenores, põe casos, imita o engenheiro no seu mau quimundo com sotaque português. Mas Sousinha, impaciente, acende o cachimbo, puxa duas baforadas, insiste:

— Conta, mano, conta! Isso tudo eu já sei, lhe conheço bem...

— Ora então! Um dia o gerente veio no nosso acampamento, hora do meio-dia, virou todas as latas de funji e do peixe, com pontapé, disse todos tinham de ir na cantina, aí é que a comida era boa!

— Como é, como é então?

— Isso mesmo, mano! O dono da loja era amigo do gerente, tinha posto lá uma cantina. Tinha sopa, macarrão, tudo comida dos brancos, e mal feito. E então caro, não te digo! Nós, dos tractores e das vagonetas, não aceitámos. Continuámos cozinhar nosso funji, nosso pirão, comíamos nosso quitande, você sabe. Pois não te digo, mano Sousa, não te digo!

E, endireitando os rins, bebeu ar fresco. Sério, pôs suas mãos nos ombros do franzino amigo, continuou:

— Assim mesmo como eu estou te falar, Sousa. Um dia pôs a mão no meu ombro e disse: Domingos, você é um bom tractorista. Mas o que você é mais é um bom homem, um bom angolano. Palavra, mano Sousa, palavra! Meu coração ficou pequenino, pequenino com essa palavra! Nunca tinha-lhe ouvido falar assim na boca dum branco. Depois, já estava ir embora, me disse baixinho: sabe, Domingos,

também sou angolano. Estuda! Se você pode, estuda. Você vai ser um grande engenheiro. E saiu com depressa, aquele jeito dele. Não posso esquecer, mano Sousa, não posso!

Sousinha se levantou, coçou no queixo, estendeu os olhos pelo capim, continuou fumar em silêncio. A noite se ouvia em todos os pequenos barulhos do seu silêncio, só perturbada pelo rugir sempre igual do Kwanza, ao fundo. Se sentou outra vez e, já a sorrir, falou ao amigo:

— Já sabia essa história, mano. Ele te fez isso porque você ficou atrás do tractor, ouvir ele gritar a maca com o gerente, o direito de a gente viver como nós vivemos, com nossas coisas, nossas comidas, tudo quanto quisermos. Não é verdade?

— Como é que você sabia?

Sousinha apagou o cachimbo e segredou no amigo:

— Ouve ainda, Domingos! Não fala a mais ninguém, mas nunca te esqueces: Silvestre é nosso amigo.

E foi para dentro, para a sombra da cubata, deitar o corpo dele, magro e seco, todo o dia sacudido no trepidar do martelo pneumático. E nunca mais ninguém lhe viu no estaleiro ou na sanzala.

Nesta hora Domingos Xavier, brincando com miúdo Bastião na esteira, lembra o amigo. E a voz de sá Zefa, sempre lamentando no filho, dói-lhe no coração, qualquer coisa põe-lhe triste e inquieto nesse fim de tarde.

E nove horas da noite eram já, lua cheia sobre a sanzala a pratear as rápidas águas do Kwanza entre os morros, quando o ruído da carrinha junto das cubatas apertou o coração das mães e companheiras. A carrinha azul era inimiga, sempre que vinha,

alguém ia amarrado e espancado na carroçaria até à vila. Depois, pronto!, não voltava mais ou voltava todo cheio de pancadas, as mãos e os pés inchados. *Nenhum pai sabia mais se no dia seguinte ia ver o filho quando voltasse do trabalho; se assinava o ponto; se responderia, de manhã, à chamada do capataz, depois que a carrinha começou rondar no acampamento, parecia milhafre sobre os pintinhos.*

Pequenas luzes se acenderam, mães com seus monas espreitavam a medo nas portas. A carrinha já estava parada, com os faróis atirados para a cubata de Domingos, e os cipaios batendo com os cassetes na porta, aos berros, para abrir. O aspirante, que tinha vindo a guiar, aguardava mais atrás, segurando a pistola.

E nessa noite o povo viu Domingos Xavier sair, ainda abotoando as calças, olhos quase fechados pelos faróis da carrinha, arrancado à pancada de dentro da cubata, com Maria aos gritos e miúdo Sebastião berrando, acordado. Dois cipaios agarraram o tractorista enquanto um terceiro ia dando socos e pontapés. Domingos Xavier, homem alto e magro, se curvava muito em defesa instintiva e tentou ainda uma vez correr para a companheira, mas o aspirante, rápido, lhe bateu com a coronha da pistola na nuca. Os cipaios, agarrando-lhe nos braços e nas pernas, atiraram com ele para cima da carroçaria.

Na noite que caiu, com a carrinha a rodar na estrada, só os gritos de Maria e o choro de miúdo Sebastião se ouviram em cima do silêncio do povo acordado. Depois as mulheres rodearam Maria, alguém pegou em Bastião no colo, calou o mona. Durante o resto da noite o silêncio foi cortado por soluços, choros de crianças, falas baixas das dores, *das humilhações, das esperanças...*

*
* *

* Deslizando como as águas do rio, estas imagens carregam os pensamentos de Domingos Xavier, nascendo no cacimbo do cérebro cansado, dorido de botas de cipaio, quando o luar estendeu em cima do corpo caído na cela o seu lençol macio/A luz branca entrava no postigo defendido pela rede de aço, e o tractorista, mal erguendo a cabeça, pôde ver o céu azul, sem nuvens, por detrás das pálpebras inchadas e cheias de areia. Era o céu azul e a lua da sua terra que olhavam...

Na cela, o seu corpo magro e comprido, magoado, custava caber. Não se lembrava de terem lhe levado para ali, tudo era estranho, distante, parecido a luz branca da lua. O peito doía, era uma dor única. Gemeu, primeiro mordendo os lábios, depois mais alto quando se conseguiu deitar na laje estreita que ocupava quase toda a cela. Assim, de barriga, sentia pancadas dolorosas nas mãos e nos pés, tão inchados que não lhes podia encostar no cimento. Pensamentos corriam como as águas do Kwanza amado: Maria sentada na porta, seis e meia, miúdo Bastião ao colo, pondo quifunes; Maria saindo com as outras mulheres para o rio, lá em baixo, onde os rápidos começavam, lavar a roupa; e o rio, o largo Kwanza que lhe viu nascer, lá em cima, no planalto, ainda fio de água, ainda criança ruidosa, e que ele conheceu depois, largo e calmo, poderoso, na direcção do mar. E ali onde Maria e as mulheres do povo lavam, nas pedras, furioso, irritado do estreitamento dos morros, dos cotovelos de granito que há séculos atacava, rugindo sua fúria nos rápidos, se desfazendo em espuma, mais manso, correndo na Muxima.

E mais imagens, mais visões, com o luar a brincar dentro da cela. A longa estrada; os imbondeiros floridos; a viagem na carrinha, pela madrugada depois da noite na Administração. Pés, mãos e pescoço amarrados numa só corda e o cheiro bom da terra molhada pelo cacimbo da noite entrando no nariz, dilatando o peito. O bater cego do cipaio a qualquer movimento. Mas o sol da manhã a beijar-lhe as feições inchadas, a revelar-lhe, depois, a larga porta chapeada se abrindo diante dos olhos, nessa manhã clara, com os cipaiois surrando e correndo atrás do povo que ele sentiu solidário no seu silêncio, que ele ainda viu na frente dos olhos colados e inchados. E assim transpôs a porta, as pancadas dos cipaiois não lhes sentia, só via as mulheres com seus miúdos embrulhados, os miúdos ranhosos, de olhos espantados, que apareciam sempre a visitar essas recordações. Meninos descalços e ranhosos, espreitando a medo, logo lá na vila, quando o descarregaram da carrinha. Mas quando tinha passado isso? Quando? O luar uniformizava recordações, confundia imagens no tempo, o corpo doía, as costas rasgadas a chicote cavalo-marinho coladas na camisa, a língua um pedaço de carne inchada da boca seca. Os olhos colavam, pés e mãos inchados das palmatoadas, e Maria novamente com miúdo Bastião chorando, fazendo berreiro, tudo povoava as recordações. Fechava os olhos e o Kwanza corria ao luar, rugindo furioso ou manso e quieto, grande mar sem ondas. Como o sono chegando e vencendo tudo, tudo, até o cansaço e a vontade grande de ficar acordado, pensar. Mas o sono era como o Kwanza, nada lhe resistia. Deitado, se deixou boiar no seu rio de criança, do planalto, que lhe tinha visto nascer.*

Maria

fa. bem em casa

a buca

na buca

que se

Se Maria não tinha sua amiga no Sambizanga, como ia fazer então, com Sebastião ainda miúdo, perdida nesta cidade desconhecida? Se não fosse essa ajuda, como ia resistir o povo? Assim falava Sô Cardoso naquela noite que Maria, segurando o mona nas costas, apareceu lá em casa. Toda a gente ficou admirada, os meninos que já dormiam levantaram para cumprimentar, e sá Tété chorou a surpresa no ombro da chegada. Bem doze anos que não lhe via, desde aquele tempo que a falecida morava no Braga, Maria ainda menina de cartar lata de água, de brincadeira com boneca de pano e bolos de areia. Depois Maria contou a sua vida, chorou o seu homem e toda a gente achou ela não podia ir embora, não senhor. Na casa cabia sempre mais um e no funji era mais uma mão de fuba só. Os meninos podiam tomar conta em miúdo Bastião, durante o dia, enquanto procurasse o seu homem na esquadra, no Posto, em todos os sítios onde lhe pudesse encontrar. Ir até no Governador. Sô Cardoso insistiu mesmo em lhe acompanhar, desculpar doença no